

# **TIJOLOS E ESPELHOS**

## **O CINEMA IRANIANO REVISITADO**

### **(1955-2015)**

*cinemateca*



# TIJOLOS E ESPELHOS O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

Ehsan Khoshbahkt

## PARTE I - ANTES DA REVOLUÇÃO

Depois de três incursões relativamente breves pela cinematografia iraniana (em 1992, 1999 e em 2012) e de uma retrospectiva então completa da obra de um dos seus maiores nomes (Abbas Kiarostami, em 2004), a Cinemateca mergulha pela primeira vez mais a fundo na riquíssima história do cinema do Irão. Esse imenso e fabuloso universo é agora abordado pela Cinemateca num ciclo em duas partes. Em fevereiro, a primeira parte do Ciclo é dedicado ao cinema produzido anteriormente à revolução islâmica, prolongando-se a retrospectiva em março com uma segunda parte dedicada à produção iraniana desde a revolução até meados da década passada.

Com a ajuda informada do programador iraniano Ehsan Khoshbahkt (colaborador especial da Cinemateca neste Ciclo, que aqui virá para apresentá-lo, assim como para voltar a apresentar o seu documentário FILMFARSI) o que se propõe é, ao longo de dois meses e mais de cinco dezenas de títulos (entre longas e curtas-metragens), uma extensa viagem ao longo de seis décadas da cinematografia iraniana. No texto e nas notas sobre os filmes que escreveu propositadamente sobre o programa e que a seguir damos a ler, Ehsan Koshbakht fornece as pistas para melhor compreendermos o contexto em que surgiu esta fascinante cinematografia e os seus antecedentes, despertando a curiosidade para um primeiro encontro amplo dos espectadores portugueses com o que bem podemos chamar a parte invisível de um imenso, rico e complexo icebergue, que, fora do seu território, só de forma muito lacunar e desconexa tem sido conhecido.

No coração de uma nação audaz, encontra-se uma arte desafiadora. Assim tem sido para os iranianos, desde os anos 1950, a arte do cinema. Todavia, o cinema iraniano pelo qual o país é muitas vezes internacionalmente louvado permanece surpreendentemente inexplorado. As duas partes que compõem este programa, que desenha uma perspetiva global do cinema iraniano entre 1955 e 2015, mapeiam as tendências e os estilos nele praticados sob os formatos gerais (e por vezes sobrepostos) do cinema popular e do cinema moderno, tencionam penetrar e aprofundar os significados implicados neste cinema. Para além de abordar as obras de alguns dos mais talentosos cineastas da história do cinema iraniano – de Samuel Khachikian a Ebrahim Golestan, de Masoud Kimiai, a Mohammad Reza e de Forough Farrokhzad a Rakkshan Bani-E'temad – este programa revelará os fios ocultos que ligam os períodos que antecedem e se sucedem à revolução. A primeira parte do programa traça a história dos tão criativos como paradoxais anos entre 1955 e 1979, apresentando clássicos absolutos e obras-primas raramente vistas deste período. Esta seleção não só capta as primeiras agitações de uma revolução cinematográfica iraniana, como salienta os desenvolvimentos sociais e políticos que viriam a transformar o país e que culminaram na revolução de 1979.

### Tijolos: a ascensão do Filmfarsi

Ainda que a origem do cinema no Irão remonte ao começo do século XX, a solidificação de uma “indústria cinematográfica” enfrentou um longo caminho e não se materializou antes dos anos 1950. Nos inícios do século, o equipamento cinematográfico foi introduzido pelos reis da dinastia Qajar como uma diversão exclusiva. Os primeiros filmes mostravam os seus palácios, festas de caça e a vida quotidiana para o deleite dos cortesãos.

Os primeiros esforços para a produção de filmes mudos no Irão receberam reações mistas e só os filmes sonoros realizados nos anos 1930, nos bem equipados Bombay Film Studios de Abdolhossein Sepanta situados na Índia, alcançaram uma recepção entusiasta que permitiu um digno início ao cinema no Irão. No entanto, estes dispersos esforços pararam completamente com a ocupação do Irão pelas forças aliadas durante a Segunda Guerra Mundial.

Depois de um longo interregno e apesar de falta de infraestruturas, esforços maiores foram levados a cabo no final dos anos 1940. Isto provou que os filmes iranianos podiam alcançar a popularidade e competir com os filmes americanos, franceses e italianos que tinham então inundado os mercados iranianos. Curiosamente, foi o melodrama, ao introduzir progressivamente a imagem da mulher iraniana, que salvou o cinema iraniano, instaurando uma vaga de filmes populares que ajudaram ao estabelecimento de muitos dos realizadores e estrelas da década de 1950. Um desses filmes, AKHARIN SHAB/"A Última Noite" (Hossein Daneshvar, 1955), integra este Ciclo.

Numa combinação de génio e engenho na construção de equipamento cinematográfico com a importação de recursos de câmara e de montagem, a indústria do cinema iraniano construiu uma base firme e os realizadores sentiram a confiança para explorar narrativas mais complexas. A ascensão de filmes policiais com o uso de iluminação expressionista e de montagem rápida foram uma indicação dessa mudança. Samuel Khachikian foi o mestre indiscutível destes *thrillers*, tendo, por isso, sido apelidado de "Hitchcock iraniano". Durante quatro décadas, este cineasta inovador realizou filmes ao estilo de Hollywood tais como FARYADE NIMESHAB/"O Choro da Meia-Noite" (1961), que esgotou as inúmeras salas onde foi projetado. Estes sucessos levaram a um florescimento dos estúdios, muitas vezes empresas de pequena escala que produziam musicais, melodramas e *thrillers* para o consumo de audiências locais, tendência que seria depreciativamente alcunhada de "filmfarsi". O meu documentário FILMFARSI (2019) aborda a ascensão e a queda desta rigorosa indústria e explica como algumas das futuras figuras do cinema moderno iraniano aprenderam o seu ofício ao trabalhar nestes filmes.

No final da década de 1950, o realizador e produtor Ebrahim Golestan, figura de enorme importância, abriu o seu primeiro estúdio de cinema independente, o Golestan Film Unit, dedicado à produção de documentários de qualidade e de um pequeno número de influentes filmes de ficção tais como KHESHT VA AYENEH/"O Tijolo e o Espelho" (Golestan, 1964). Um dos filmes produzidos foi um documentário de 22 minutos sobre uma colónia de leprosos dirigido por uma jovem poetisa, Forough Farrokhzad. Quando KHANEH SIAH AST/"A Casa É Negra" (1962) arrecadou o Grande Prémio do Festival de Cinema de Oberhausen, um novo alvorecer do cinema iraniano estava prestes a começar.

A crescente popularidade do cinema iraniano não passou despercebida pelo Estado, que decidiu iniciar os seus próprios projetos de prestígio focando-se na cultura e na história iranianas. Instituições estabelecidas desde os anos 60, incluindo a Televisão Nacional Iraniana, o Centro para o Desenvolvimento de Crianças e Jovens Adultos (conhecido como Kanun), e o Ministério da Cultura desempenharam um importante papel no financiamento de um cinema iraniano com ambições artísticas e culturais que oferecia uma contra narrativa em relação aos "filmfarsi". Foi neste contexto que Dariush Mehrjui dirigiu GAAV/"A Vaca" (1969), a primeira tentativa madura de casar a literatura marxista iraniana com o cinema moderno. GAAV é frequentemente citado como o nascimento de uma "nova vaga" iraniana, ou "Cinema-ye Motafavet", que significa literalmente "cinema alternativo". Muitos filmes na mesma linha se seguiram.

Abordando os temas da alienação, da ansiedade e da repressão, a nova vaga iraniana concebeu um cinema no qual os contrastes se tornam conflitos: a cidade contra a aldeia, o Irão contra o Ocidente, o sonho contra a realidade, a sanidade contra a loucura. Realizados numa atmosfera cinéfila alimentada por uma abundância de clubes, festivais e revistas de cinema, estes filmes – às vezes deliciosamente autorreflexivos, outras vezes ostensivamente sombrios – eram assombrosos no seu retrato da vida no purgatório entre o velho e o novo. Nunca aderiam a um estilo específico, e ainda que muitos dos filmes fossem preguiçosamente rotulados de "neorealistas", o seu surrealismo subtil e o incontornável uso de metáforas eram

elementos ainda mais fortes. Nestes filmes, bem como na poesia persa, a mente espalha-se por territórios não mapeados.

No entanto, devido ao sucesso sem precedentes de um pequeno filme chamado GHEY SAR (Masoud Kimiai, 1969), inaugurou um movimento instalado a meio do caminho entre a denominada nova vaga e o cinema popular. Pela sua aproximação a narrativas mais convencionais, estes filmes foram alvo de uma grande popularidade, chamando a atenção dos iranianos para um tipo de cinema mais acessível e, todavia, rico e crítico quanto à sociedade iraniana. GAVAZNHA/"O Veado"(Kimiai, 1974) é o melhor exemplo deste cinema que, na sua brevidade, tocou as margens do cinema militante. Estes filmes provinham de produções privadas e, curiosamente, os realizadores que pertenciam a este grupo eram frequentemente autodidatas, contrastando com a tendência dominante da "nova vaga", na qual realizadores como Farrokh Ghaffari, Kamran Shirdel, Dariush Mehrjui, Nosrat Karimi e Sohrab Shahid Saless tinham estudado no estrangeiro. Ambos os grupos se revoltaram contra uma sociedade que consideravam apática e dividida nos assuntos da justiça.

A nova vaga iraniana foi essencialmente um movimento realista que permitiu excursões no simbolismo e mesmo no surrealismo. Híbridos por natureza, os seus filmes aprenderam a lidar com elementos diferentes e depreciativos. Num filme como RAGBAR/"Chuvada" (Bahram Beyzaie, 1972), a montagem de inspiração soviética, o simbolismo, o neorealismo, a pontuação hitchcockiana, o melodrama iraniano e elementos brechtianos (que se devem ao trabalho de Beyzaie com o teatro) permanecem juntos e em total harmonia.

A nova vaga iraniana foi, em essência, um cinema subversivo criado por dissidentes que enfrentaram problemas similares quanto à censura. Foi uma família unida, mesmo que o individualismo das suas figuras principais raramente tenha permitido o lançamento de manifestos. Nunca houve uma grande reunião de realizadores da nova vaga, exceto para ações sindicais da indústria. No entanto, não faltaram colaborações entre eles.

Ebrahim Golestan produziu o filme de Feroz Farrokhzad e Farrokhzad montou e foi intérprete nos filmes de Golestan. Masoud Kimiai, antigo assistente de realização de Samuel Khachikian, trabalhou frequentemente com

Abbas Kiarostami como *designer* de créditos e com Amir Naderi enquanto fotógrafo de cena, e Kiarostami e Naderi realizaram em conjunto TADJRE-BEH/"A Experiência" (1973). Mais tarde, Sohrab Shahid Saless montou SAZ DAHANI / "A Harmónica" (1974) de Naderi. Filme que contou com argumento de Mohammad Reza Aslani. Aslani também escreveu um argumento para Kamran Shirdel antes de realizar a sua longa-metragem de estreia, SHATRANJ-E BAAD/"Xadrez do Vento" (1976), produzido pelo realizador Bahman Farmanara. Em troca, Shirdel (que teria orientado Naderi nos seus anos de formação) contribuiu para o argumento de outro filme de Aslani, e o realizador Nosrat Karimi fez a voz *off* no *magnum opus* de Shirdel, o documentário AN SHAB KE BARUN AMAD/"A Noite em que Choveu" (1967).

Estes cineastas escreveram, montaram, desenharam e produziram os filmes uns dos outros. Para além disso, um pequeno e seletivo grupo de atores, compositores, diretores de fotografia e montadores trabalharam com os realizadores da "nova vaga". Tragicamente, independentemente das suas crenças políticas, partilharam o mesmo destino após a revolução de 1979: ou foram banidos do cinema, ou foi-lhes impossível procurar novo trabalho. Embora a situação tenha sido mais severa para os atores e realizadores dos "filmfarsi", as figuras da "nova vaga" passaram também por esse sofrimento. Consequentemente, a maioria deixou o Irão e alguns nunca voltaram para colher aquilo plantaram.

Após a revolução islâmica, que incendiou mais de uma centena de salas de cinema, o novo regime viu o cinema como um médium ocidental que tinha o objetivo de corromper os valores morais da nação. Num dos mais catastróficos momentos da história do cinema, uma revolução sociopolítica regressiva interrompeu e suprimiu uma revolução artística progressiva. Os realizadores iranianos não desistiram. Levou o seu tempo a que uma revolução cinematográfica iniciada nos anos 60 tivesse o seu retorno na forma do Novo Cinema Iraniano dos anos 80 e 90, altura em que figuras como Mehrjui, Beyzaie, Naderi, Kiarostami e Kimiai retomaram o trabalho.

Os filmes selecionados para a primeira parte deste programa são um testemunho da astúcia política, do brilho artístico e da complexidade intelectual dos cineastas que os criaram. Esta é uma viagem profunda ao coração do Irão visto pelos olhos de alguns dos seus maiores artistas da imagem em movimento.

## PARTE II - DEPOIS DA REVOLUÇÃO

Após uma primeira parte em que explorámos algumas das tendências predominantes, dos estilos emergentes e dos principais filmes e cineastas do cinema iraniano do período que antecedeu a revolução, esta segunda parte mapeia o que a revolução de 1979 trouxe ao cinema iraniano e o que lhe retirou, nas últimas quatro décadas. Uma história de resistência cultural, desobediência silenciosa e fricção.

1979. A revolução iraniana caiu nas mãos dos islamistas. Está em curso uma purga, que força os cineastas à reforma antecipada, ao exílio e ao silêncio. Mas o cinema não está morto. Uma noite, a televisão iraniana transmite GAAV/"A Vaca" (Dariush Mehrjui, 1969), um dos poucos filmes pré-revolucionários ainda permitido devido à ausência de mulheres sem *hijab*. Nessa noite, o "líder supremo" Ayatollah Khomeini liga a televisão e *apanha* o filme. Alguns dias depois, num discurso público, declara que "não somos contra o cinema, somos contra imoralidade e a obscenidade". Usando o filme que tinha visto recentemente como exemplo, Khomeini continua dizendo "os nossos filmes devem ser como GAAV". Esse evento, puramente casual, contribuiu enormemente para salvar o cinema iraniano de uma maior destruição por parte dos fundamentalistas, ou até mesmo da proibição total. Mas surge assim um paradoxo: como é que os próprios cineastas, cujo trabalho é essencialmente definido como cinema de dissidência, podem ser autorizados a trabalhar num novo clima político que é marcado pela repressão? Noutras palavras, o produto cultural conhecido como "A Vaca" era desejado, mas não o contexto social que levou à sua criação. As pessoas mais pessimistas viram isto como um convite à "bovinidade". O cinema iraniano foi nacionalizado e a Farabi, instituição governamental, supervisionou cada aspeto da sua produção e distribuição. "Embora as perspetivas para o cinema iraniano fossem sombrias, a proibição geral de vídeos domésticos, da televisão por satélite, e da distribuição de filmes estrangeiros forçou as pessoas a voltarem aos cinemas. Isto adiou um colapso total", escreveu o crítico iraniano Nima Hassani-Nasab, que também argumentou que a noção de cinema do Estado era "um cinema sem estrelas, um cinema contra o 'entretenimento". O *hijab* obrigatório e o nível de censura sem precedentes, implicaram que os filmes iranianos fossem pensados de uma nova maneira em termos de representação das mulheres, dos dramas domésticos, da vida

familiar e da intimidade. Foram forjadas novas convenções cinematográficas. Era necessária uma mudança de *mise-en-scène*. No entanto, foi a antiga Nova Vaga que veio em socorro. Foram os pioneiros da Nova Vaga que não tinham partido para o exílio que mantiveram a chama do cinema acesa, no sombrio rescaldo da revolução iraniana. O seu profissionalismo, os seus conhecimentos técnicos, e a sua visão crítica do Irão sob o comando do Xá, foram temporariamente considerados úteis pelo novo regime. Assim, foi-lhes concedida a possibilidade de concluir o trabalho que tinha sido interrompido no imediato rescaldo da revolução.

Uma dessas figuras, Amir Naderi, reavivou o interesse pelo cinema iraniano com DAVANDEH/"O Corredor" (1984). Bahram Beyzaie, com o seu simbolismo rico, regressou com uma série de filmes, entre os quais BASHU, GHARIBEYE KOOCHAK / "Bashu, o Pequeno Estrangeiro" (1986), que desempenhou a mesmo papel que DAVANDEH (que foi montado por Beyzaie) tinha tido dois anos antes. Quando estes filmes, juntamente com os trabalhos de Abbas Kiarostami - que rapidamente se tornará a exportação cinematográfica mais famosa do Irão -, foram vistos no estrangeiro, deram a impressão de que o cinema iraniano se resumia agora a histórias sobre crianças de grupos desfavorecidos e minorias. Mas, na realidade, seguiam-se, ao mesmo tempo, também outras direções. Um exemplo interessante é Nasser Taghvai, que também foi para o sul do Irão, que tinha sido devastado pela guerra, e realizou um *thriller*. O seu NAKHODA KHORSHID/"Capitão Khorshid" teve como fonte principal Ernest Hemingway e lembrou-nos como, desde os anos 60, o cinema iraniano tem sido constantemente fomentado pela literatura, quer através de obras de escritores iranianos contemporâneos quer de autores estrangeiros. Nenhum outro realizador beneficiou tanto da literatura quanto Dariush Mehrjui, seja no período antes da revolução como naquele que lhe seguiu. Na década de 1980, Mehrjui atravessava uma mudança de foco e até de estilo. Em vez de continuar a retratar os mais desfavorecidos que viviam em pequenas cidades e aldeias, o tipo dominante nos seus filmes dos anos 60 e 70, Mehrjui ficou fascinado com a vida dos intelectuais de classe média, perdidos entre a modernidade e a tradição. Tudo se tornou mais pessoal do que social.

Outro ciclo de filmes que surgem juntamente com os filmes de guerra financiados pelo Estado (conhecidos como o género "defesa santa") é o

cinema "sagrado", que não se configura tanto como um gênero, mas como um conceito geral que a fundação Farabi (o maior órgão na indústria do cinema iraniano) promovia como abordagem "espiritual" ao cinema, tratando questões centrais da vida numa perspectiva semi-humanista, e baseando-se na moralidade islâmica. Este foi o período em que a noção de alma surgiu definida pelo Estado na ausência de permissão para mostrar o corpo. Dentro desta abordagem, foram feitos vários filmes banais e sem chama, mas, de entre os exemplos descomprometidos que ofereciam uma visão única e poética encontramos NAR-O-NAY/"Romã e Cana-de-Açúcar" (Saeed Ebrahimifar, 1989). No entanto, o que não se esperava era a emergência de novas vozes distintas que faziam parte de um movimento revolucionário e não necessariamente no seu lado progressista. Alguns, como Mohsen Makhmalbaf, eram estritamente anti--cinema no início, mas começaram a interessar-se gradualmente por este meio para difundir ideias revolucionárias sob a forma de propaganda. Acabaram por ser transformados pelo poder do cinema. Chegou o momento em que começaram até a questionar as suas próprias identidades revolucionárias através da experimentação da forma no cinema, e o meio começou a sobrepor--se à ideologia. A mais notável realizadora do período pós-revolucionário – uma das tantas que foi para trás da câmara, ainda que com um véu – foi Rakhshan Banietemad, cuja transição do documentário de propaganda "anticapitalista" para os dramas socialistas realistas e independentes sobre mulheres trabalhadoras tem sido um dos mais espantosos exemplos da evolução do cinema iraniano no pós-revolução. Outro antigo documentarista e praticante de cinema experimental, Kianoush Ayyari, o menos conhecido dos mestres do cinema pós-revolucionário, oferece um forte sentimento de humanismo nas suas histórias sobre sobrevivência e resiliência, num país que tinha fechado as suas portas à classe social que, supostamente, devia soerguer.

Contudo, o milagre do cinema pós-revolucionário foi Abbas Kiorastami que, depois de 20 anos a produzir filmes incessantemente, obteve, repentinamente, o reconhecimento que tanto merecia. O seu estilo tinha amadurecido, mas havia também um desejo de ver imagens de um Irão cada vez mais desconectado do resto do mundo. Além disso, uma geração de realizadores iranianos que desejavam o sucesso internacional de Kiarostami começou a "fazer [como] Kiorastami". Como Paul Oliver escreveu a propósito da

música *blues*, que atrai artistas que não sabem tocar nem cantar, também a abordagem [enganadoramente] simples de Kiarostami à realização cinematográfica era como areia movediça, para a qual muitos se aventuraram casualmente, mas da qual poucos conseguiram sair vivos artisticamente. Dos "filhos de Kiarostami" alguns encontraram a sua própria voz e visão, afastando-se claramente do mundo do homem que admiravam. Jafar Panahi, Bahman Ghobadi e, em menor medida, Mohammad Rasoulof emergiram nesse contexto. Estes cineastas capturaram rapidamente o clima turbulento de uma sociedade moralmente à deriva, cuja indiferença e crueldade para com os pobres, as mulheres e as minorias já não podia ser varrida para debaixo de um extravagante tapete persa. Em 10 anos, à medida que os seus filmes se tornaram cada vez mais militantes e intrigantemente meta--cinema, estas vozes também foram forçadas ao autoexílio e à prisão. Estas figuras beneficiaram muito com chegada do digital, que permitia produções independentes e de baixo orçamento. Foi aí que o controlo do Estado sobre o cinema iraniano acabou, mesmo que o Estado continuasse a pressionar os cineastas a fazerem tudo de acordo com o manual e seguindo os "procedimentos oficiais" (até há dez anos qualquer retrospectiva de cinema iraniano organizada fora do país só poderia ser realizada através das instituições estatais como a Farabi. Este programa na Cinemateca, que inclui mais de cinquenta filmes, foi concebido inteiramente sem a sua presença ou apoio, o que pode ser interpretado como um sinal de mudança).

Os paradoxos referidos no início deste texto, corroeram silenciosamente o cinema iraniano a partir de dentro. Estes paradoxos não impediram a vaga de inovação, mas trouxeram muito rancor e agonia. Quem tentar argumentar que a censura pode levar a uma explosão de criatividade deve olhar para o exemplo do cinema iraniano pós--revolucionário, em que as inovações iniciais e os desvios influentes das formas convencionais não duraram muito. Além disso, muitas das características atribuídas ao cinema iraniano dos últimos 40 anos, e amplamente admiradas, já existiam nesse cinema antes da revolução. Um cineasta iraniano é, frequentemente, um artista esgotado, que sofre tremendamente o fardo avassalador da censura. A censura mata o cinema. A vaga constante de filmes ricos e intrigantes do Irão não morreu, mas a dor e as baixas artísticas tornaram-se insuportáveis. Este programa saúda a bravura, a poesia e a visão dos cineastas iranianos.

## PROGRAMA Fevereiro

- Quarta-feira [01] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quarta-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

### JAAM-E HASANLOU

*"O Cálice de Hasanlou"*

de Mohammed Reza Aslani  
com Manouchehr Anvar  
Irão, 1964 - 20 min

### SHATRANJ-E BAAD

*"Xadrez do Vento"*

de Mohammed Reza Aslani  
com Fakhri Khorvash, Mohamad Ali Keshavarz, Akbar Zanjanpour  
Irão, 1976 - 99 min

*duração total da projeção: 119 min*

legendados eletronicamente em português | M/12

com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão de dia 1

Numa hipnotizante variação sobre os temas de *The Fall of the House of Usher* de Edgar Allan Poe e passado numa mansão feudal, SHATRANJ-E BAAD aborda jogos de poder que surgem quando a matriarca de uma família nobre morre. A primeira longa-metragem de Mohammed Reza Aslani mergulha num labirinto de corrupção e decadência que prevê uma revolução por vir e pinta magistralmente uma imagem dos conflitos tão internos quanto ocultos da sociedade iraniana. Esta preciosidade recentemente redescoberta foi dada como perdida após a sua única exibição no Festival Internacional de Teerão de 1976 (onde foi largamente incompreendida), até ter sido restaurada em 2020, pela World Cinema Foundation, tornando-se um dos mais aclamados filmes pré-revolucionários iranianos. JAAM-E HASANLOU, é uma curta-metragem e um estudo filosófico sobre um cálice de ouro com 3200 anos descoberto durante uma escavação em 1957. A exibir em cópias digitais. Primeiras apresentações na Cinemateca.



- Quarta-feira [01] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### MOBAREZEH BA ATASH DAR AHVAZ

*"Combate ao Incêndio em Ahvaz"*

de Abolghasem Rezai  
Irão, 1958 - 35 min

### YEK ATASH

*"Um Fogo"*

de Ebrahim Golestan  
Irão, 1961 - 24 min

### COURTSHIP (SEGMENTO DO IRÃO)

de Ebrahim Golestan  
com Forough Farrokhzad  
Canadá, 1961 - 11 min

### KHANEH SIAH AST

*"A Casa É Negra"*

de Forough Farrokhzad  
Irão, 1962 - 20 min

*duração total da projeção: 90 min*

legendados eletronicamente em português | M/12

com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão de dia 1

Um olhar sobre os documentários de Ebrahim Golestan sobre o petróleo que também examina a sua colaboração com Feroz Farrokhzad. Em 1958 um poço de petróleo no sudoeste iraniano incendiou-se. Abolghasem Rezaie abordou este desastre em MOBAREZEH BA ATASH DAR AHVAZ. Quando Golestan viu as imagens a preto e branco, para as quais escreveu a narração, descobriu que a história tinha ainda mais potencial e decidiu produzir a sua própria versão dos eventos – desta vez a cores. A versão realizada por Golestan, YEK ATASH, foi o seu primeiro grande sucesso internacional. Foi montado por Farrokhzad, que combinou a sua sensibilidade poética com a abordagem simbólica de Golestan. Farrokhzad também participou em COURTSHIP, uma curta-metragem realizada para a televisão canadiana. No mesmo ano, Farrokhzad fez KHANEH SIAH AST, situado numa colónia de leproso no noroeste iraniano. Celebrado como um dos melhores filmes já realizados, encena um diálogo entre as paixões da poetisa (Farrokhzad) com a voz da razão (Golestan). A exibir em cópias digitais. À exceção de KHANEH SIAH AST, são primeiras apresentações na Cinemateca.



• Quinta-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina

## KHESHT O AYENEH

*“Tijolo e Espelho”*

de Ebrahim Golestan

com Taji Ahmadi, Zackaria Hashemi, Goli Bozorgmehr

Irão, 1964 - 126 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A primeira verdadeira obra-prima moderna do cinema iraniano é uma exploração dostoievskiana sobre o medo e a responsabilidade. Um conto de um taxista em busca da mãe de uma bebé abandonada em Teerão. Com um título alusivo a um

poema de Attar (“O que o velho pode ver num tijolo de barro / o jovem consegue ver num espelho”), o filme move-se entre o realismo e o expressionismo. Uma negra e inesquecível imagem de uma sociedade corrompida e alienada. A apresentar na versão digital restaurada que faz jus à visão original do realizador e que inclui no final cenas eliminadas na montagem e nunca anteriormente vistas.



- Quinta-feira [02] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## DAR GHORBAT

*“Longe de Casa”*

de Sohrab Shahid Saless

com Parviz Sayyad, Cihan Anasai, Muhammet Temizkan

Alemanha Ocidental, Irão, 1975 - 91 min

legendado eletronicamente em português | M/12

com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão de dia 2

Um filme de transição que liga o período iraniano de Sohrab Shahid Saless com a sua prolongada estadia na Alemanha, DAR GHORBAT é uma meditação sobre o isolamento social e a imobilidade. Nenhum outro filme retratou a repetibilidade dolorosa da vida de um imigrante com tão cândidos detalhes, seguindo alguns dias da vida de Husseyin (interpretado por Parviz Sayyad), um trabalhador imigrado em Berlim Ocidental. Repetem-se aqui uma abundância de elementos presentes noutros filmes de Saless: comboios, cartas escritas e lidas, bem como

uma desesperante visão de camas vazias e por fazer. A vacuidade da vida é capturada em momentos mortos, na permanência da câmara que olha o vácuo revelando uma sombria visão do mundo dos explorados e dos desenraizados, mesmo depois de uma personagem sair do enquadramento. A exibir em cópia digital. Primeira apresentação na Cinemateca.



• Sexta-feira [03] 18h00 | Sala Luís de Pina

## CONFERÊNCIA POR EHSAN KHOSHBAKHT TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO

Ehsan Khoshbakt, especialista em cinema iraniano e atual diretor de programação do festival Il Cinema Ritrovato de Bolonha, apresenta uma visão alargada da história do cinema iraniano desde os anos 1950 até à revolução islâmica. Sobre esse período tão desconhecido da cinematografia do Irão, Khoshbakt tinha já realizado o documentário FILMFARSI, que exibiremos na sessão que se segue à conferência.

conferência em inglês, sem tradução simultânea / 60 min  
entrada livre mediante levantamento de bilhete 30 minutos antes do início

• Sexta-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina

## FILMFARSI

de Ehsan Khoshbakt

Irão, Reino Unido, 2019 - 84 min

legendado eletronicamente em português | M/12

com a presença do realizador

Este filme-ensaio construído a partir de dezenas de filmes faz uma história crítica do Irão governado sob o regime do Xá. Recupera os thrillers e melodramas de baixo orçamento que foram suprimidos pela revolução Islâmica de 1979 e revela obras que se pensava, em muitos casos, terem sido destruídas. Um cinema de titilação, ação e de intensas emoções, que oferece um perturbante espelho do Irão. É um conto sobre a personalidade dividida de uma nação através dos muitos remakes e filmes de imitação ocidental que ela produziu nesse período. No entanto, estes filmes, frequentemente baratos, de gosto duvidoso e derivativos, oferecem-nos uma compreensão da psicologia do Irão e, entre cópias muito riscadas, emergem alguns marcos da extraordinária cultura cinematográfica deste país.



• Sexta-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## GAVAZNHA

"O Veado"

de Masoud Kimiai

com Behrouz Vossoughi, Faramarz Gharibian, Nosrat Partovi

Irão, 1974 - 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

com a presença de Ehsan Khoshbahkt



Este filme é o cinema iraniano em poucas palavras: politicamente envolvido, sincero, zangado, trágico. Presente-se um sentido de revolução iminente nesta história de um campeão tornado junkie que se reúne com um colega de esquerda e se redime com uma ira revolucionária. O filme teve estreia no Festival Internacional de Cinema de Teerão, mas sofreu uma censura severa logo a seguir. Os serviços secretos obrigaram Kimiai a

filmar um final alternativo (no qual os protagonistas se rendem à polícia), o único que os espectadores puderam ver até à revolução de 1979, a qual permitiu o restauro do desfecho inicial que veremos nesta versão. A exibir em cópia digital. Primeira apresentação na Cinemateca.

• Sábado [04] 18h30 | Sala Luís de Pina

• Segunda-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

## DOROSHKECHI

"O Condutor de Carruagens"

de Nosrat Karimi

com Shahla Riahi, Nosratollah Karimi, Masud Asadollahi

Irão, 1971 - 102 min / legendado eletronicamente em português | M/12

com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão de dia 4

Quando o casamento entre os dois apaixonados Morteza e Pouri se torna

dependente da aprovação de Morteza a um outro casamento, entre a sua mãe, que ficou viúva recentemente, e o pai de Pouri, surge uma série de complicações. Este filme de Nosrat Karimi sobre o "casamento ao estilo iraniano", que constitui uma espécie de *commedia all'iraniana*, demonstra um uso magistral de elementos provenientes do *neorealismo rosa*, do *filmfarsi*, bem como do cinema checoslovaco, este último, dado pela formação de Karimi em Praga, incluindo uma sequência de sonho e uma surpreendente aparição de elementos animados. Karimi oferece-nos uma crítica mordaz (apesar de bem-intencionada) da sociedade iraniana, utilizando os preconceitos quanto à *namus* (a virtude dos membros femininos das famílias) como base para a comédia e satirizando rituais como enterros, casamento e cerimónias de circuncisão. A exibir em cópia digital. Primeira apresentação na Cinemateca.



• Sábado [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

• Terça-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## TADJREBEH

"A Experiência"

com Hossein Yarmohammadi, Andre Govalovich, Parviz Naderi

Irão, 1973 - 53 min

## GHAZIEHE SHEKL-E AVAL, GHAZIEH-E SHEKL-E DOU WOM

*"Primeiro Caso, Segundo Caso"*

com Mehdi Azadbakht, Mohammadreza Barati, Hedayat Matin Daftari

Irão, 1979 - 53 min

filmes de Abbas Kiarostami

*duração total da projeção: 106 min*

legendados eletronicamente em português | M/12

com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão de dia 4

TADJREBEH, que conta a história de um jovem biscateiro trabalhador numa loja de fotografia e apaixonado pela filha de um cliente, é a primeira média-metragem de Kiarostami, escrita pelo seu amigo Amir Naderi como uma peça de reflexão autobiográfica. GHAZIEHE SHEKL-E AVAL, GHAZIEH-E SHEKL-E DOU WOM, filme banido logo após ser realizado, é um testemunho de uma astúcia política poucas vezes reconhecida a Kiarostami e uma complexa perspectiva dos eventos tumultuosos do final dos anos 70 no Irão. Surpreendentemente, fez este filme sem sair da sua zona de conforto, a sala de aula, mantendo-se fiel ao seu estilo inquisitivo e à subtil e imaginativa manipulação da realidade gravada. Aqui introduz também o formato da entrevista no seu corpo de trabalho, deixando a sua impressão sobre a vida da sociedade iraniana através da colagem de perspectivas em conflito. A exhibir em cópias digitais.



• Segunda-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## RITM

*"Ritmo"*

de Manouchehr Tayyab

Irão, 1964 - 9 min

## AKHARIN SHAB

*"A Última Noite"*

de Hossein Daneshvar

com Hossein Daneshvar, Azadeh, Ebrahim Beyk-Khan

Irão, 1955 - 90 min

*duração total da projeção: 99 minutos*

legendados eletronicamente em português | M/12

AKHARIN SHAB, principal exemplo dos melodramas femininos dos anos 1950 que reavivaram o cinema iraniano após um longo hiato durante a Segunda Grande Guerra, foca-se em Monir, que tem um casamento feliz com Mansour, mas é chantageado por uma amante do passado. É então que um amigo vem socorrer a relação do casal com a ajuda de uma atriz. Apesar de ser a atuação e a performance que vêm a revelar a verdade e permitir que a felicidade permaneça, a representação no filme continua rígida e a direção é teatral. No entanto, AKHARIN SHAB tem um marcante sentido da vida e da autenticidade do meio social, especialmente quando a câmara sai do estúdio. Mesmo imperfeita, esta é uma obra memorável, considerando que foi um dos primeiros 75 filmes produzidos no Irão. RITM é uma curta-metragem em que o movimento de um comboio e a sua entrada na estação central de Teerão é imaginativamente montada em sincronia com o instrumento percussivo do maestro Hossein Tehrani. A exhibir em cópias digitais. Primeiras apresentações na Cinemateca.

- Segunda-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## FARYADE NIMESHAB

*"O Choro da Meia-noite"*

de Samuel Khachikian

com Armais Vartani Hovsepian, Parvin Ghaffari, Mohamad Ali Fardin

Irão, 1961 - 120 min / legendados eletronicamente em português | M/12

Um exemplo de enorme sucesso do *thriller*, gênero que marcou o cinema iraniano entre o final dos anos 1950 e o início dos 1960. FARYADE NIMESHAB, realizado pelo iraniano-armênio Samuel Khachikian, que teve a alcunha de "Hitchcock iraniano", é, na realidade, um *remake* de GILDA de Charles Vidor (1948). Com uma das *femme fatale* essenciais do cinema iraniano, Parvi Ghaffari (autora de uma autobiografia na qual afirma ter sido amante do Xá) ao lado da estrela Mohamad Ali Fardin, conta a história de um jovem que se envolve com um *gang* de criminosos, conseguindo eventualmente encontrar o seu caminho e voltar à sua inocente amante. Khachikian recicla com sucesso ideias, gravações musicais, convenções e *plot twists* de filmes *noir* americanos numa nova configuração iraniana, criando a fantasia de um Irão ocidentalizado. A exibir em cópia digital. Primeira apresentação na Cinemateca.

[11]

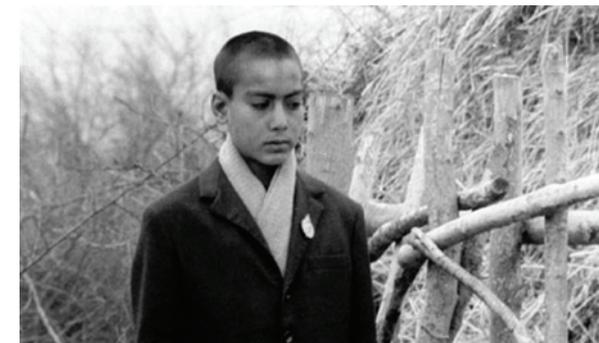


- Terça-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## QALEH

*"Bairro das Mulheres"*

Irão, 1966 - 18 min



## NEDAMATGAH

*"Prisão das Mulheres"*

Irão, 1965 - 12 min

## TEHERAN, PAYETAKHT-E IRAN EST

*"Teerão É a Capital do Irão"*

Irão, 1966 - 18 min

## AN SHAB KE BARUN AMAD

*"A Noite em que Choveu"*

Irão, 1967 - 35 min

filmes de Kamram Shirdel

*duração total da projeção: 83 min*

legendados eletronicamente em português | M/12

O realizador Kamran Shirdel é sobretudo lembrado pelos documentários clandestinos que fez sobre pessoas empobrecidas, muitos dos quais foram subsidiados, mas também banidos pelo governo iraniano. Nos primeiros três filmes, foca-se principalmente nas classes mais marginalizadas, concretamente nas mulheres aprisionadas, no *red district* de Teerão e nos bairros pobres. AN SHAB KE BARUN AMAD, a sua obra-prima, é mais leve e aborda um *fait divers* jornalístico sobre o heroísmo de um rapaz que impediu um desastre de comboio. A notícia do incidente foi inicialmente reportada e depois rejeitada pelas entidades oficiais e pelos jornalistas locais, tornando-se um motor de dúvida e depois de confusão sobre quem realmente impediu o desastre. Inicialmente banido, este conto antiautoritário e "rashomoniano" constrói o seu fio narrativo em torno de perspetivas duvidosas que colidem com a imagem do Irão dos anos 1960. A exibir em cópias digitais.

- Terça-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## GAAV

“A Vaca”

de Dariush Mehrjui

com Ezzatolah Entezami, Mahin Shahbi, Ali Nassirian

Irão, 1969 - 104 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Exploração de cativante intensidade sobre os temas da solidão e da obsessão, GAAV é um marco da nova vaga iraniana. Conta a história de um pobre aldeão (inesquecivelmente interpretado pelo ator Ezzatolah Entezami) que tem a sua vaca como única fonte de alegria e subsistência. Uma noite, a misteriosa morte da vaca inicia uma súbita metamorfose. Baseado em contos do psiquiatra marxista Gholam-Hossein Saedi, GAAV foi banido e a sua exportação proibida, mas foi clandestinamente enviado para o Festival de Veneza, onde foi largamente aclamado. Pungentemente envolvido em camadas de religião e política de esquerda (duas forças maiores da revolução de 1979), GAAV foi redescoberto uma década mais tarde, quando o Ayatollah Khomeini o identificou como um exemplo de bom cinema, em oposição aos muitos “filmes corruptores” da era Pahlevi. A exibir em cópia digital.

[12]



- Quarta-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## GHEYSAR

de Masoud Kimiai

com Behrouz Vossoughi, Pouri Baneai, Naser Malek Motiee

Irão, 1969 - 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um clássico da nova vaga iraniana, GHEYSAR é a segunda longa-metragem de Masoud Kimiai e a primeira fuga às tendências e tradições do então cinema popular, o *filmfarsi*. A influência que exerceu sobre a história do cinema iraniano permanece imensurável. Kimiai resgatou fórmulas do cinema clássico de Hollywood e combinou-as com uma visão política, e mesmo militante. A sua arte reside na recontextualização da *mise-en-scène* dos seus cineastas americanos favoritos para os bairros pobres do sul de Teerão. A narrativa é complementada por uma banda-sonora elegíaca composta por Esfandiar Monfaredzadeh e por uma sequência de créditos iniciais memorável desenhada por Abbas Kiarostami. A exibir em cópia digital. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Sexta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## CHESHMEH

“A Fonte”

de Arby Ovanessian

com Armais Vartani Hovsepian, Mahtaj Nojoomi, Jamshid Mashayekhi

Irão, 1972 - 96 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Jóia rara da nova vaga iraniana, CHESHMEH é um filme sobre mistérios e desejos reprimidos. A sua história, narrada dissimuladamente com muitos saltos entre tempos e situações, centra-se numa mulher muçulmana casada que aparenta ser amada por dois outros homens (um dos quais é cristão). O amor proibido e os destinos entrecruzados estão condenados à desgraça, mas este filme deixa os elementos trágicos fora de campo. Apesar da riqueza dos detalhes arménios (provenientes da herança cultural de Ovanessian), CHESHMEH partilha um significativo número de ligações com os filmes da nova vaga iraniana, particularmente com os sentidos de isolamento, angústia e medo do outro. Mais próximo da vanguarda do que das tradições realistas pelas quais o

cinema iraniano é celebrado, Ovanessian é, ainda assim, capaz de fazer um filme apenas com becos, árvores e córregos enquanto se assegura que a história, e os sentimentos que nela se constroem, se solidificam. A exibir em cópia digital. Primeira apresentação na Cinemateca.



- Sexta-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

## RAGBAR

*"Chuvada"*

de Bahram Beyzaie

com Parviz Fanizadeh, Mohamad Ali Kesavarz, Jamshid Layegh

Irão, 1972 - 128 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um jovem professor é enviado para uma escola no empobrecido sul de Teerão, onde se apaixona pela irmã mais velha de um dos seus estudantes e dirige toda a sua energia para ajudar os estudantes a fazer um teatro. Emocionante, espirituoso e brilhantemente realizado numa energética e incomum combinação de neorealismo e simbolismo político, a primeira longa-metragem de Bahram Beyzaie foi feita com um apertadíssimo orçamento, mas com um impressionante sucesso na fusão das raízes que o realizador tem nos mundos do teatro, da literatura clássica e da história do cinema com uma narrativa que ressoa poderosamente no Irão, resultando este processo num dos mais acessíveis filmes da nova vaga iraniana. A exibir em cópia digital restaurada graças à World Cinema Foundation de Martin Scorsese. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Terça-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## MOSSAFER

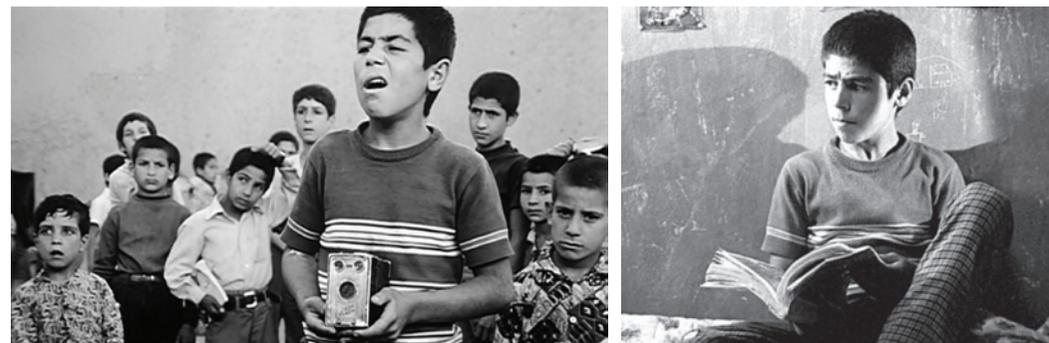
*"O Passageiro"*

de Abbas Kiarostami

com Hassan Darabi, Pare Gol Atashjameh, Masud Zandbegleh

Irão, 1974 - 83 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A primeira longa-metragem de Kiarostami é desde logo uma das suas obras maiores. Uma história preenchida de *suspense* e infinitamente encantadora sobre a determinação de um rapaz que quer viajar da sua pequena cidade para Teerão para assistir a um jogo de futebol, que combina realismo com a economia e a precisão de um artista visual como Kiarostami. Com brilhantes desempenhos de um elenco constituído por não-atores, este filme tem um dos mais inesquecíveis finais da história do cinema. No seminal filme de Kiarostami, CLOSE-UP, o protagonista não só compara a sua vida à do deste filme, como reutiliza a banda sonora de MOSSAFER. A exibir em cópia digital.



- Terça-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## KHARMAN VA BAZR

*"A Colheita e a Semente"*

de Ebrahim Golestan

Irão, 1965 - 30 min

## YEK ETEFAGH SADEH

*"Um Simples Acontecimento"*

de Sohrab Shahid Saless

com Hedayatollah Navid, Hibibollah Safarian, Ane Mohammad Tarikhi

Irão, 1973 - 80 min

*duração total da projeção: 110 min*

legendados eletronicamente em português | M/12

Filmando alguns dias da vida de um jovem rapaz que vive nas imediações do Mar Cáspio, a longa-metragem de estreia de Sohrab Shahid Saless é uma obra-prima misteriosamente silenciosa. As personagens deste filme são aparentemente desprovidas de qualquer sentimento, no entanto, são ainda capazes de provocar um enorme impacto emocional nos espectadores. O filme foi clandestinamente realizado com um orçamento e uma equipa inicialmente constituídos para uma curta-metragem, ainda que atribuídos por uma instituição governamental. O ritmo entorpecedor e o incisivo sentido de realidade criam um mundo em que o "simples evento" – a morte da mãe do rapaz – dificilmente afeta o rapaz ou o público, seja esse momento signifiante ou insignificante, por muito que os cães ladrem e apesar do chilrear dos grilos ao longo do filme. KHARMAN VA BAZR é um estudo das condições de pobreza de uma aldeia iraniana depois das reformas na agricultura nos anos 1960 e pode ser visto como a resposta iraniana a LAS HURDES de Luis Buñuel. A exibir em cópias digitais. Ambos os filmes são primeiras apresentações na Cinemateca.

[14]



• Quarta-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## ENTEZAR

*"À Espera"*

de Amir Naderi

com Soheila Ahmadi, Rasool Chamani, Zohreh Ghahremani

Irão, 1974 - 43 min

## SAZ DAHANI

*"A Harmónica"*

de Amir Naderi

com Abbas Pourahadi, Jomeh Vafabakhsh, Mehd Javadi

Irão, 1974 - 75 min

*duração total da projeção: 118 min*

legendados eletronicamente em português | M/12

Amir Naderi rapidamente se afastou dos dramas urbanos e dos filmes policiais do início dos anos 1970 que o tornaram conhecido como realizador para abraçar um período de imensa criatividade na Kanun, produtora onde se serviu do seu olhar de fotógrafo para contar histórias impressionistas sobre repressão e rebelião quase sempre baseadas na sua própria vida no Irão. Ambos os filmes evitam as convenções narrativas para se debruçarem na forma (repetição e movimento). SAZ DAHANI funciona como uma declaração política sobre a exploração e apresenta uma das melhores direções de fotografia feitas no solarengo e colorido sul. Enquanto ENTEZAR aborda o transporte de gelo na abrasadora região de Abadan, SAZ DAHANI conta a história de um rapaz apaixonado por uma cintilante harmónica japonesa, uma indicação da relação da infância do próprio realizado com um objeto ocidental: o cinema. A exibir em cópias digitais. Primeiras apresentações na Cinemateca.

- Quinta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sábado [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## MOJ, MARJAN, KHARA

*"Onda, Coral, Pedra"*

Irão, 1961 - 40 min

## TAPPE-HAYE MARLIK

*"As Colinas de Marlik"*

Irão, 1963 - 15 min

## GANJINE-HAYE GOHAR

Irão, 1965 - 15 min

filmes de Ebrahim Golestan

*duração total da projeção: 70 min*

legendados eletronicamente em português | M/12

Três dos mais notáveis documentários de Ebrahim Golestan. MOJ, MARJAN, KHARA narra a construção de oleodutos no sul do Irão, abordando temas tais como a "paciência do processo da natureza" e "a labuta e o intelecto humanos", finalizando com uma afirmação altamente política sobre o povo do Irão, que não recebe nenhuma das riquezas adquiridas



através do petróleo. TAPPE-HAYE MARLIK desenvolve uma perspetiva diferente da questão da utilização da terra, focando-se num local milenar no norte do Irão que é simultaneamente escavado por arqueólogos e fertilizado por agricultores. O documentário mais deslumbrante de Golestan, GANJINE-HAYE GOHAR, mascara-se na ostentação da coleção de pedras preciosas guardadas no tesouro do Banco Central do Irão para levar a cabo um ousado ataque à traição dos reis persas. A exhibir em cópias digitais. Primeiras apresentações na Cinemateca.



- Quinta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

## RAGHASEYE SHAHR

*"A Dançarina da Cidade"*

de Shapour Gharib

com Forouzan, Naser Malek Motiee, Bahman Mofid

Irão, 1970 - 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Gholam, um homem insatisfeito com o seu casamento, apaixona-se por Pari, uma dançarina livre e despreocupada com quem começa uma ardente relação. Tal irrita igualmente o antigo apaixonado de Pari e o dono do *cabaret* onde ela trabalha, e quando a tenta fazer retornar à vida da *performance*, uma tragédia sucede. Um conto entusiasmante e vivaz sobre a busca falhada da procura de um lugar para o entretenimento e a performance numa sociedade religiosa, que dá uma nova vida a clichés familiares através do desempenho dos dois protagonistas (Forouzan e Naser Malek Motiee). O filme é relativamente considerado por ter participado numa nova vaga de filmes iranianos com ambições artísticas. Isto é, em parte, evidente na realização e no realismo do trabalho de *reperáge*, mas também na sua banda sonora, que muda entre o tom lúgubre das cordas e dos instrumentos percussivos e músicas pop descaradamente *groovy*.

- Quarta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## FARROKH GHAFFARI: THE CENTENARY

*"Farrokh Gaffary: O Centenário"*

de Ehsan Khoshbakht

Irão, 2022 - 10 min

## SHABE GHUZI

*"A Noite do Corcunda"*

de Farrokh Ghaffari

com Farhang Amiri, Farrokh Ghaffari, Paria Hakemi

Irão, 1965 - 91 min

*duração total da projeção: 101 min*

legendados eletronicamente em português | M/12

Passado durante uma única noite, esta comédia negra inspirada por um conto retirado das *1001 Noites* foca-se nos esforços de um grupo de atores viajantes, no pai de uma noiva e num cabeleireiro e no seu assistente (interpretado pelo realizador), para se livrarem de um cadáver no pano de fundo de Teerão em festa ao som de Ray Charles. Numa vénia a *TROUBLE WITH HARRY* de Hitchcock, Ghaffari – que foi também crítico e historiador de cinema e fundador do arquivo fílmico do Irão – realizou esta obra com um pequeno orçamento após o falhanço e as proibições que os seus dois primeiros filmes enfrentaram. Com o seu respeito

pelo folclore e o seu retrato da classe alta, este filme, que fracassou no Irão, mas percorreu o mundo, permitiu um novo início para o cinema iraniano. A abrir a sessão, FARROKH GHAFFARI: THE CENTENARY, é um pequeno documentário sobre o realizador.



PROGRAMA  
Março

- Quinta-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina

## DAVANDEH

*"O Corredor"*

de Amir Naderi

com Madjid Niroumand, Abbas Nazeri, Musa Torkizadeh

Irão, 1984 - 94 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A obra-prima autobiográfica de Amir Naderi sobre Amiro, um adolescente órfão que tenta melhorar a sua vida aprendendo a ler, foi o primeiro filme iraniano do período pós-revolução a ser visto internacionalmente, e marca o início de uma vaga constante de bons filmes que emergiram daquele país nos anos 80 e 90. Brilhantemente montado por Bahram Beyzaie, realizador da Nova Vaga iraniana, o filme mantém-se simultaneamente aberto – como as suas paisagens do Golfo Pérsico – e abstrato, como a luta do seu protagonista para compreender e conquistar um mundo repleto de hostilidade e indiferença. Este filme é um triunfo glorioso do cinema sobre o desespero, e da vida sobre a destruição, uma vez que foi realizado num período em que o sul do Irão sofria bombardeamentos constantes por parte do regime de Saddam Hussein. A única apresentação do filme na Cinemateca aconteceu em 1992. A exhibir em cópia digital.

• **Sábado [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

## KHESHT O AYENEH

*"Tijolo e Espelho"*

de Ebrahim Golestan

com Taji Ahmadi, Zackaria Hashemi, Goli Bozorgmehr

Irão, 1964 - 133 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

A primeira verdadeira obra-prima moderna do cinema iraniano é uma exploração dostoiévskiana sobre o medo e a responsabilidade. Um conto de um taxista em busca da mãe de uma bebê abandonada em Teerão. Com um título alusivo a um poema de Attar ("O que o velho pode ver num tijolo de barro / o jovem consegue ver num espelho"), o filme move-se entre o realismo e o expressionismo. Uma negra e inesquecível imagem de uma sociedade corrompida e alienada. A apresentar na versão digital restaurada que faz jus à visão original do realizador e que inclui no final cenas eliminadas na montagem e nunca anteriormente vistas.

• **Segunda-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

• **Quarta-feira [29] 19h00 | Sala Luís de Pina**

## NAKHODA KHORSHID

*"Capitão Khorshid"*

de Nasser Taghvai

com Dariush Arjmand, Ali Nassirian, Saeed Poursamimi

Irão, 1987 - 118 min | legendado eletronicamente em português | M/12

No início da década de 1960, o capitão de um navio, que ganha a vida com o contrabando de mercadorias no Golfo Pérsico, é abordado por um certo

Farhan, que lhe propõe a tarefa de fazer sair do país clandestinamente um grupo de ativistas políticos. Partindo de *Ter e Não ter* de Ernest Hemingway (que já Howard Hawks tinha adaptado ao cinema), o realizador Nasser Taghvai, cujos filmes dos anos 60 e 70 se mantém os mais subestimados da Nova Vaga iraniana, teve um grande regresso comercial e artístico com este filme emocionante que, apesar da produção difícil e caótica, conseguiu reestabelecê-lo como uma das forças vitais do cinema iraniano e um dos seus mais competentes contadores de histórias. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

• **Terça-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina**

• **Terça-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

## BASHU, GHARIBEYE KOOCHAK

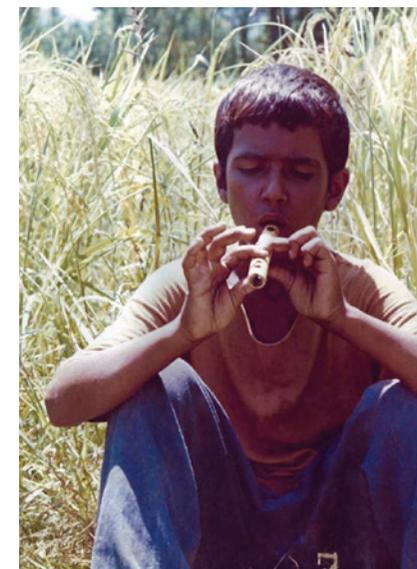
*"Bashu, o pequeno estrangeiro"*

de Bahram Beyzaie

com Susan Taslimi, Parviz Poorhosseini, Adnan Afravian

Irão, 1986 - 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um rapaz órfão escapa do sul devastado pela guerra e chega às margens verdes do mar Cáspio no norte, mas ninguém na região de língua Gilaki consegue compreender a língua deste jovem estrangeiro que apenas fala árabe. Rapidamente uma habitante local o toma sob sua proteção e começam a procurar formas de comunicar. Este regresso pós-revolucionário de uma figura veterana do teatro, da literatura e da Nova Vaga iraniana, Bahram Beyzaie, foi inicialmente banido por três anos, devido à sua visão pacifista e ambígua sobre a guerra entre o Irão e o Iraque. É uma obra notável, especialmente no que toca ao uso da linguagem,



que funciona como o motor principal da narrativa, através da qual traumas de guerra e de deslocamento se abrem com um toque poético inesquecível. Com performances excepcionais do ator juvenil Adnan Afravian, interpretando um refugiado de guerra, e de Susan Taslimi, cuja colaboração com Beyzaie remonta a finais dos anos 70, este é um filme essencial. A única apresentação anterior de BASHU na Cinemateca data de 1992.



• Quarta-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## NAR-O-NAY

*“Romã e Cana-de-Açúcar”*

de Saeed Ebrahimifar

com Jahangir Almasi, Ali Asghar Garmsiri, Rasul Najafian

Irão, 1989 - 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Neste filme visualmente cativante, um fotógrafo encontra um homem mais velho, que acaba de ter um ataque cardíaco. Leva o desconhecido para o hospital e, enquanto espera por novidades sobre a sua situação, começa a ler o seu diário. O diário retrata a vida do homem, desde a sua infância na cidade de Kashan, até à idade adulta, quando se torna calígrafo. Contado num estilo completamente visual e muitas vezes desprovido de diálogo, esta foi uma tentativa consciente de criar um cinema de poesia, pelo qual o cinema pós-revolucionário, pelo menos nas suas fases iniciais, ficou conhecido. Os poemas lidos no filme são de Sohrab Sepehri (também de Kashan, cujos poemas deram o título ao filme ONDE FICA A CASA DO MEU AMIGO? de Kiarostami) que, por sua vez, são lidos por outro poeta, Ahmad-Reza Ahmadi. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.



• Sexta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## NAMA-YE NAZDIK

*Close Up*

de Abbas Kiarostami

com Hossain Sabzian, Mohsen Makhmalbaf, Abolfazl Ahankhah

Irão, 1990 - 98 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Indiscutivelmente a maior obra do cinema sobre o poder e a beleza do *medium* cinematográfico, este filme complexo é, de facto, um trabalho filosófico que revigorou os géneros do documentário e da narrativa ficcional, esbatendo muitas vezes as fronteiras entre os dois. Conta a história de Hossain Sabzian, um homem ocioso e cinéfilo, que alega ser o realizador iraniano Mohsen Makhmalbaf, de modo a entrar na casa de uma família. Sabzian acaba por ser exposto por um jornalista e levado a julgamento por fraude. Porém, as suas ações levam-no a encontrar-se face a face com um outro renomado realizador, Kiarostami, que faz um filme sobre ele. Esse homem irá depois encontrar Makhmalbaf pessoalmente. Uma mentira torna-se realidade, mas é impossível saber até que ponto esta realidade permanece uma mentira. Uma obra-prima comovente, e composta por várias camadas, CLOSE UP é também a demonstração da futilidade de qualquer tentativa de fazer uma distinção clara entre documentário e ficção. A exibir em cópia digital.

• Sexta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## HAMOUN

de Dariush Mehrjui

com Ezzatolah Entezami, Bita Farahi, Khosro Shakibai

Irão, 1990 - 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um intelectual de meia-idade à beira do colapso nervoso embarca numa jornada semi-alucinatória de dúvidas existenciais e desespero, na qual Dariush Mehrjui faz referência a Fellini (como se vê nas fascinantes sequências de sonhos) e a Woody Allen (através da história de um casamento em crise). Esta comédia negra mostra “uma sociedade de terceiro mundo invadida pela Toshiba e pela Sony, em que os personagens se fixam nas suas conexões a Kiekergaard e Salinger” (Goodfrey Cheshire). O filme foi feito durante uma vaga de filmes iranianos que se debruçavam sobre questões espirituais e o Sofismo, cujo objetivo era fazer uma ponte entre as tradições dos místicos e a vida urbana moderna. A vaga durou pouco tempo e o ciclo produziu muitos filmes péssimos. Porém, HAMOUN, devido à sua montagem (rápida e elíptica), à representação dos atores (a performance brilhante de Khosro Shakibai na personagem do título) e à realização dinâmica de Mehrjui, tornou-se um absoluto clássico de culto no cinema iraniano e o segundo trabalho de Mehrjui mais admirado pelos iranianos depois de GAAV/“A Vaca”.



• Segunda-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

• Quinta-feira [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## PARDEHE AKHAR

“O Último Ato”

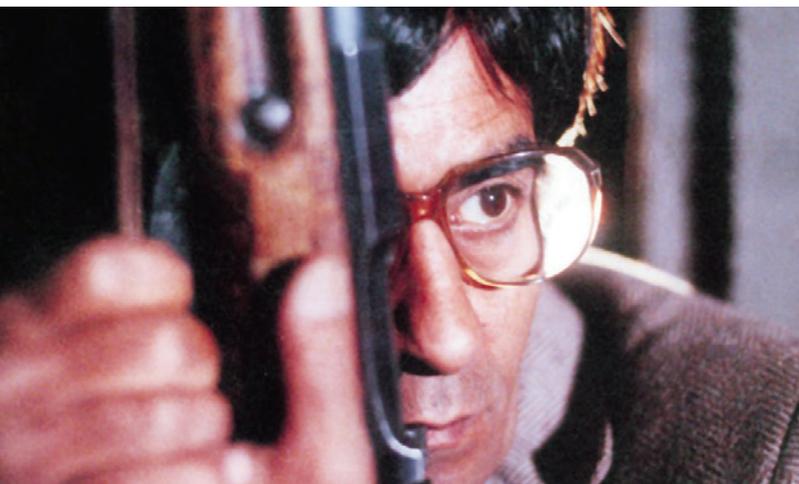
de Varuzh Karim-Masihi

com Farimah Farjami, Dariush Arjmand, Niku Kheradmand

Irão, 1991 - 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

«Varuzh Karim-Masihi pertence à minoria arménia do cinema iraniano, a qual deu a esse cinema alguns dos seus melhores realizadores (entre os quais Samuel Khachikian e Arby Ovanessian). Após ter trabalhado como assistente de realização de alguns mestres da Nova Vaga como Bahram Beyzaie (RAGBAR/“A Chuvada”, BASHU, GHARIBEYE KOOCHAK/“Bashu, o Pequeno Estrangeiro”), e Mohammad Reza Aslani (SHATRANJ-E BAAD/“Xadrez do Vento”), Karim-Masihi estreou-se relativamente tarde, mas com um filme que lhe garantiu instantaneamente um lugar no panteão dos gigantes do cinema iraniano. Este filme é uma revisitação iraniana de GASLIGHT de Cukor, uma história emocionante sobre uma mulher que viaja até uma velha casa para reclamar a herança do seu falecido marido, mas é confrontada com a traição da família deste. Um drama absorvente com toques de crime e horror, combinados com o amor pela representação e o teatro, assim como por Hitchcock, a história tendo como pano de fundo alguns dos mais importantes acontecimentos da história do Irão nos últimos 100 anos. Magistralmente realizado e exibindo a destreza da equipa de produção envolvida, com um grande elenco, este tornou-se um dos clássicos pós-revolucionários do cinema iraniano.» (Nima Hassani-Nasab)

[19]



• Segunda-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## VA ZENDEGI EDAME DARAD

*E a Vida Continua*

de Abbas Kiarostami

com Farhad Kheradman, Buba Bayour

Irão, 1992 - 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Cinco anos após a produção de KHANE-YE DOUST KODJAST?/Onde Fica a Casa do Meu Amigo?, que tornou Kiarostami um nome familiar no circuito dos festivais internacionais, um terremoto atingiu a região onde o filme foi originalmente gravado, tendo provocado cinquenta mil mortes. Kiarostami, abalado com a notícia, levou uma pequena equipa para fazer um documentário sobre a busca pelo rapaz que aparece nesse filme mas a certa altura decidiu fazer um dos seus famosos desvios à procura de sinais de vida na área devastada. O resultado, o majestoso E A VIDA CONTINUA, é uma das obras mais comoventes de Kiarostami e um longo poema que nunca perde o sentido de humor e um espírito lúdico. É um filme autónomo que pode ser visto sem nenhum conhecimento do filme anterior. É também um *remake* autorreflexivo do primeiro filme em que, em vez do rapaz, é o filme, isto é, o próprio cinema, que procura a casa do amigo. A exibir em cópia digital.



• Terça-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## NUN VA GOLDUN

*“Um Momento de Inocência”*

de Mohsen Makhmalbaf

com Mirhadi Tayebi, Ali Bakhsi, Ammar Tafti

Irão, 1996 - 78 min / legendado eletronicamente em português | M/12

«Uma das mais inspiradoras e acessíveis reconstruções [de Makhmalbaf] de um acidente crucial da sua adolescência, o qual o colocou na prisão por diversos anos durante o regime do Xá. Um fundamentalista e ativista naquele período, Makhmalbaf esfaqueou um polícia; por consequência, foi alvejado e preso. Duas décadas depois, enquanto fazia audições para o seu filme SALAAM CINEMA, encontrou o mesmo polícia, agora desempregado, e os dois acabaram por colaborar neste filme sobre um incidente que os envolvia a ambos, tentando (com câmaras separadas) reconciliar as versões do que tinha acontecido. Apesar de, indubitavelmente, ter sido parcialmente motivado por CLOSE UP, de Kiarostami, é uma experiência e uma investigação humanista fascinante por si só, cheia de calor e humor, bem como de mistério.» (Jonathan Rosenbaum)

[20]





- Terça-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

## BOODAN YAA NABOODAN

“Ser ou Não Ser”

de Kianoush Ayari

com Asal Badeei, Farhad Sharifi, Hossein Ilbeygi

Irão, 1998 - 94 min / legendado eletronicamente em português | M/12

«Kianoush Ayari é uma das figuras proeminentes do *Cinema-ye Azad* (Cinema Livre) no Irão, um movimento cinéfilo na produção cinematográfica amadora que emergiu no final dos anos 60 com o apoio do Estado. Ayari, cujo amor tanto pelo realismo como pelo cinema modernista o tinha levado, anteriormente, a recriar *LADRI DI BICICLETTA* em *ABADANI-HA*, no seu oitavo filme conta a história de uma mulher cristã que necessita urgentemente de um transplante de coração. Ela tenta convencer a família em luto de um muçulmano recém-falecido – morto durante uma discórdia na noite do seu casamento – a permitir a doação de órgãos. Com uma câmara fluída e um tom documental, o filme conquistou o coração dos espectadores e, passando pelo labirinto da religião e da tradição na sociedade iraniana, chega a uma nobre noção de altruísmo e humanismo. Este drama tenso revela novas dimensões dessa sociedade em cada reviravolta. O pulsar do filme é como o bater do coração da protagonista, sempre prestes a parar. Na vida real, a atriz do filme morreu jovem e a sua família doou os seus órgãos – uma trágica premonição cinematográfica.» (Nima Hassani-Nasab) Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

[21]

- Quarta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

## SHAZDEH EHTEJAB

“Príncipe Ehtejab”

de Bahman Farmanara

com Jamshid Mashayekhi, Fakhri Khorvash, Valiyollah Shirandami

Irão, 1974 - 93 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos melhores filmes iranianos sobre a decadência, *SHAZDEH EHTEJAB* é baseado num livro do renomado romancista iraniano Houshang Golshiri centrado num dos últimos membros da dinastia Qajar. Enquanto o seu corpo é devorado pela tuberculose e a sua mente é devastada pelo passado de brutalidade e repressão da sua dinastia, o aristocrata relembra a sua vida numa série de complexos e elegantes *flashbacks* que entrecetem a história do Irão com a psicologia da personagem. Vencedor do prémio de melhor filme no Festival Internacional de Cinema de Teerão, Farmanara, que também se destacou como produtor (é dele a produção de *SHATRANJ-E BAAD* / “Xadrez do Vento”, exibido na primeira parte deste Ciclo), presta uma atenção escrupulosa aos figurinos, aos cenários e à direção de fotografia. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.



- Quarta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [31] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## ZIR-E POOST-E SHAHR

*“Sob A Pele da Cidade”*

de Rakhshan Banietemad

com Golab Adineh, Mohammad Reza Forutan, Baran Kosari

Irão, 2001 - 92 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Esta história envolvente de uma família da classe operária em Teerão e da luta da figura materna para manter a família unida é realizada por um dos mestres do cinema realista iraniano e um dos grandes talentos emergentes depois da revolução. Como escreve Laura Mulvey, o “filme sintetiza a maneira como o realismo e o melodrama são, de maneiras diferentes, estilisticamente importantes para os dramas de opressão social e injustiça,” para contar a história “das crises enraizadas na desigualdade de classe e gênero no Irão contemporâneo.” Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.



- Quinta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## ZAMANI BARAYÉ MASTI ASBHA

*Um Tempo para Cavalos Bêbedos*

de Bahman Ghobadi

com Ayoub Ahmadi, Rojin Younessi, Amaneh Ekhtiar-dini

Irão, 2000 - 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

As provações de uma família curda que atravessa um inverno terrível perto da fronteira entre o Irão e o Iraque. A família é encabeçada por um rapaz de doze anos que sustenta todos os outros membros e cuida do irmão com deficiência. “Retratar as adversidades enfrentadas pelos curdos era, até um então, um tabu, embora já tivessem sido documentadas numa curta-metragem precedente de Ghobadi”, escreve o crítico iraniano Hamid-Reza Sadr. “A abordagem crua e rigorosamente minimal de Ghobadi, num estilo de documentário filmado com câmara à mão, foi temperada pela profunda ligação emocional partilhada pelos três irmãos retratados e pelo fascínio das suas representações naturalistas. [O filme ofereceu] um retrato social amplo da geração jovem, e mostrou a natureza complexa e problemática que enfrenta no Irão.” Primeira apresentação na Cinemateca.





- Quinta-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quarta-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## DAST-NEVESHTEHAA NEMISOOSAND

*"Os Manuscritos Não Ardem"*

de Mohammad Rasoulof

com M. Ali Nazarian, Ramin Parham

Irão, 2013 - 125 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Em 1998, durante um curto período de relativa liberdade de imprensa no Irão, os jornais revelaram a história aterradora de mais de 80 assassinatos políticos que tinham sido levados a cabo pelo regime islâmico desde finais dos anos 80. Conhecidos como os "homicídios em cadeia", as vítimas eram intelectuais, escritores, tradutores, ativistas políticos. DAST-NEVESHTEHAA NEMISOOSAND, que tem como ponto de partida estes crimes, foi gravado clandestinamente dentro e fora do Irão. Combinando elementos de vários homicídios numa única narrativa, o filme humaniza a sua história sombria ao focar-se num dos assassinos. Apesar da terrível missão que lhe é conferida, esse homem está preocupado com o filho hospitalizado, e tenta angariar dinheiro para as despesas médicas. Este é um dos mais arrebatadores e corajosos dramas políticos feitos durante a última década do cinema iraniano. Primeira apresentação na Cinemateca.



- Sexta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [31] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## CHAHARSHANBE-SOORI

*"Quarta-Feira de Fogos de Artifício"*

de Asghar Farhadi

com Hamid Farrokhzad, Hedieh Tehrani, Taraneh Alidoosti

Irão, 2006 - 112 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Rouhi, uma jovem empregada doméstica, começa a trabalhar para um casal de classe média de Teerão na última quarta-feira do ano, conhecida como "quarta-feira de fogos de artifício". Ela observa a vida de uma esposa que está convencida da infidelidade do marido, acreditando que ele tem uma relação extraconjugal com a vizinha cabeleireira. O terceiro filme de Farhadi foi um êxito inovador e um ponto de viragem no seu estilo cinematográfico, em que conseguiu combinar realismo social com melodrama moderno e elementos inovadores de *suspense*. Havia também algo mais: a juventude. O talento de Farhadi, bem como os seus argumentos afiados, tornaram-se ainda mais efetivos quando encontrou esta equipa de atores, a sua maioria na casa dos trinta anos. Os novos atores (Hedieh Tehrani, Taraneh Alidoosti) trouxeram consigo um ar de urgência e mudança ao universo em que Farhadi estava a afirmar-se rapidamente. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

• Sexta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

## ZEMESTAN

*"Inverno"*

de Raffi Pitts

com Mitra Hajjar

Irão, 2006 - 86 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Iniciando-se com músicas e imagens memoravelmente belas, esta terceira longa-metragem de ficção de Rafi Pitts - um iraniano com formação feita em Londres, cujo filme precedente tinha sido um documentário sobre Abel Ferrara - é uma fábula sóbria e rigorosa que se assemelha um pouco a uma reelaboração de THE POSTMAN ALWAYS RINGS TWICE. Um homem, recentemente desempregado, apanha um comboio para procurar trabalho no estrangeiro, deixando à sua sorte a jovem e atraente esposa, bem como uma filha e a mãe. Passam-se vários meses sem receber notícias do marido e, compreensivelmente, começam a surgir dúvidas sobre se ainda estará vivo. Um mecânico atraente e ousado, recém-chegado à periferia da cidade onde vivem, repara na mulher que agora se diz ser viúva, e começa a rondá-la na esperança de chamar a sua atenção. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.



• Sábado [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

• Quarta-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## TALAYE SORKH

*Sangue e Ouro*

de Jafar Panahi

com Hossain Emadeddin, Kamyar Sheisi, Azita Rayeji

Irão, 2003 - 97 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos melhores filmes de Jafar Panahi, SANGUE E OURO é baseado num guião de Abbas Kiarostami inspirado numa notícia de um estafeta de pizzas em Teerão que alvejou um joalheiro e, em seguida, disparou contra si próprio. Numa referência ao neorrealismo, Panahi contratou um verdadeiro empregado de pizzeria, o qual, no decurso das filmagens, revelou sofrer de uma doença mental grave, aumentando a sensação de mal-estar do filme e tornando o *breakdown* pelo qual a personagem passa assustadoramente real. Rico na sua visão franca e inquietante sob os atritos causados pelo ressentimento de classe e a repressão política, a exibição do filme foi banida no seu país de produção. A exibir em cópia digital.



- Segunda-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

## GILANEH

de Rakhshan Banietemad e Mohsen Abdolvahab  
 com Fatemah Motamed-Aria, Bahram Radan, Baran Kosari  
 Irão, 2005 - 80 min | legendado eletronicamente em português | M/12

Primeira mulher realizadora a obter o prémio principal do Festival de Teerão, Banietemad tem pintado ao longo de quase quatro décadas um retrato preciso do seu país em ficções e em documentários. GILANEH começa em 1988, no final da guerra entre o Irão e o Iraque. A viúva Gilaneh acompanha a filha grávida da sua aldeia até Teerão, onde esperam encontrar o marido desta, que desertou do exército e do qual não têm notícias desde então. No caminho para Teerão, encontram um fluxo de pessoas que fogem da cidade. A jornada torna-se uma viagem até à escuridão, ao medo e a perigos tangíveis. Em 2003, 15 anos após o fim dessa guerra, reencontramos uma Gilaneh envelhecida e cuidando abnegadamente de seu filho Ismael, que voltou da guerra destruído de corpo e alma. Primeira apresentação na Cinemateca.



- Segunda-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [31] 19h30 | Sala Luís de Pina

## HERFEH: MOSTANADSAZ

“Profissão: Documentarista”  
 de Sepideh Abtahi, Shirin Barghnavard, Mina Keshavarz, Firouzeh Khosrovani, Nahid Rezaei, Sahar Salahshoor, Farahnaz Sharifi  
 Irão, 2014 - 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos mais notáveis documentários iranianos *underground* feito nos últimos dez anos, é uma reflexão sobre a censura, a paranoia mediática, a discriminação de género e o que significa ser uma mulher cineasta no Irão, tendo sido feito coletivamente por sete mulheres. As realizadoras decidem estabelecer um diálogo com a sua sociedade, umas com as outras, e com elas próprias. Este último transforma cada um dos sete segmentos num diário pessoal e numa sala escura de confissões. Por isso, apesar de ser, efetivamente, um trabalho coletivo, e de cada realizadora ter sido assistida pelas outras seis durante as filmagens e na montagem do seu segmento, o resultado consegue manter a voz distinta de cada uma delas. Primeira apresentação na Cinemateca.

## Fevereiro

- Quarta-feira [01] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quarta-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

### JAAM-E HASANLOU

*"O Cálice de Hasanlou"*

de Mohammed Reza Aslani

### SHATRANJ-E BAAD

*"Xadrez do Vento"*

de Mohammed Reza Aslani

com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão de dia 1

- Quarta-feira [01] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### MOBAREZEH BA ATASH DAR AHVAZ

*"Combate ao Incêndio em Ahvaz"*

de Abolghasem Rezai

### YEK ATASH

*"Um Fogo"*

de Ebrahim Golestan

### COURTSHIP (SEGMENTO DO IRÃO)

de Ebrahim Golestan

### KHANEH SIAH AST

*"A Casa É Negra"*

de Forough Farrokhzad

com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão de dia 1

- Quinta-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina

### KHESHT O AYENEH

*"Tijolo e Espelho"*

de Ebrahim Golestan

- Quinta-feira [02] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### DAR GHORBAT

*"Longe de Casa"*

de Sohrab Shahid Saless

com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão de dia 2

- Sexta-feira [03] 18h00 | Sala Luís de Pina

### CONFERÊNCIA POR EHSAN KHOSHBAKHT TIJOLOS E ESPELHOS: O CINEMA IRANIANO REVISITADO

- Sexta-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina

### FILMFARSI

de Ehsan Khoshbahkt

com a presença do realizador

- Sexta-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### GAVAZNHA

*"O Veado"*

de Masoud Kimiai

com a presença de Ehsan Khoshbahkt

- Sábado [04] 18h30 | Sala Luís de Pina
- Segunda-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

### DOROSHKECHI

*"O Condutor de Carruagens"*

de Nosrat Karimi

com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão de dia 4

- Sábado [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### TADJREBEH

*"A Experiência"*

### GHAZIEHE SHEKL-E AVAL, GHAZIEH-E

### SHEKL-E DOU WOM

*"Primeiro Caso, Segundo Caso"*

filmes de Abbas Kiarostami

com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão de dia 4

- Segunda-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### RITM

*"Ritmo"*

de Manouchehr Tayyab

### AKHARIN SHAB

*"A Última Noite"*

de Hossein Daneshvar

- Segunda-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### FARYADE NIMESHAB

*"O Choro da Meia-noite"*

de Samuel Khachikian

- Terça-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### QALEH

*"Bairro das Mulheres"*

### NEDAMATGAH

*"Prisão das Mulheres"*

## TEHERAN, PAYETAKHT-E IRAN EST

*"Teerão É a Capital do Irão"*

### AN SHAB KE BARUN AMAD

*"A Noite em que Choveu"*

filmes de Kamram Shirdel

- Terça-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### GAAV

*"A Vaca"*

de Dariush Mehrjui

- Quarta-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### GHEYSAR

de Masoud Kimiai

- Sexta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### CHESHMEH

*"A Fonte"*

de Arby Ovanessian

- Sexta-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

### RAGBAR

*"Chuvada"*

de Bahram Beyzaie

- Terça-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### MOSSAFER

*"O Passageiro"*

de Abbas Kiarostami

- Terça-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### KHARMAN VA BAZR

*"A Colheita e a Semente"*

de Ebrahim Golestan

### YEK ETEFAGH SADEH

*"Um Simples Acontecimento"*

de Sohrab Shahid Saless

- Quarta-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### ENTEZAR

*"À Espera"*

de Amir Naderi

### SAZ DAHANI

*"A Harmónica"*

de Amir Naderi

- Quinta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sábado [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### MOJ, MARJAN, KHARA

*"Onda, Coral, Pedra"*

### TAPPE-HAYE MARLIK

*"As Colinas de Marlik"*

### GANJINE-HAYE GOHAR

filmes de Ebrahim Golestan

- Quinta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

### RAGHASEYE SHAHR

*"A Dançarina da Cidade"*

de Shapour Gharib

- Quarta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### FARROKH GHAFFARI: THE CENTENARY

*"Farrokh Gaffary: O Centenário"*

de Ehsan Khoshbakht

### SHABE GHUZI

*"A Noite do Corcunda"*

de Farrokh Ghaffari

# Março

- Quinta-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina

### DAVANDEH

*"O Corredor"*

de Amir Naderi

- Sábado [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### KHESHT O AYENEH

*"Tijolo e Espelho"*

de Ebrahim Golestan

- Segunda-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quarta-feira [29] 19h00 | Sala Luís de Pina

### NAKHODA KHORSHID

*"Capitão Khorshid"*

de Nasser Taghvau

- Terça-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina
- Terça-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### BASHU, GHARIBEYE KOOCHAK

*"Bashu, o pequeno estrangeiro"*

de Bahram Beyzaie

- Quarta-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### **NAR-O-NAY**

*"Romã e Cana-de-Açúcar"*

de Saeed Ebrahimifar

- Sexta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### **NAMA-YE NAZDIK**

*Close Up*

de Abbas Kiarostami

- Sexta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### **HAMOUN**

de Dariush Mehrjui

- Segunda-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

- Quinta-feira [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### **PARDEHE AKHAR**

*"O Último Ato"*

de Varuzh Karim-Masihi

- Segunda-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### **VA ZENDEGI EDAME DARAD**

*E a Vida Continua*

de Abbas Kiarostami

- Terça-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### **NUN VA GOLDUN**

*"Um Momento de Inocência"*

de Mohsen Makhmalbaf

- Terça-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- Quinta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

### **BOODAN YAA NABOODAN**

*"Ser ou Não Ser"*

de Kianoush Ayari

- Quarta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- Terça-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

### **SHAZDEH EHTEJAB**

*"Príncipe Ehtejab"*

de Bahman Farmanara

- Quarta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- Sexta-feira [31] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### **ZIR-E POOST-E SHAHR**

*"Sob A Pele da Cidade"*

de Rakhshan Banietemad

- Quinta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### **ZAMANI BARAYÉ MASTI ASBHA**

*Um Tempo para Cavalos Bêbedos*

de Bahman Ghobadi

- Quinta-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- Quarta-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### **DAST-NEVESHTEHAA NEMISOOSAND**

*"Os Manuscritos Não Ardem"*

de Mohammad Rasoulof

- Sexta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- Sexta-feira [31] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### **CHAHARSHANBE-SOORI**

*"Quarta-Feira de Fogos de Artifício"*

de Asghar Farhadi

- Sexta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

### **ZEMESTAN**

*"Inverno"*

de Raffi Pitts

- Sábado [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- Quarta-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### **TALAYE SORKH**

*Sangue e Ouro*

de Jafar Panahi

- Segunda-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- Quinta-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

### **GILANEH**

de Rakhshan Banietemad e Mohsen Abdolvahab

- Segunda-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

- Sexta-feira [31] 19h30 | Sala Luís de Pina

### **HERFEH: MOSTANADSAZ**

*"Profissão: Documentarista"*

de Sepideh Abtahi, Shirin Barghnavard, Mina Keshavarz, Firouzeh Khosrovani, Nahid Rezaei, Sahar Salahshoor, Farahnaz Sharifi

agradecimentos

Ehsan Khoshbakht,  
Amir Naderi, Arby Ovanessian,  
Kamram Shirdel, Gita Aslani, Maryam  
Najafi, Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna)  
Arianna Turci (Cinémathèque Royale de Belgique)  
Matthieu Grimault (Cinémathèque Française)  
Jon Wegström, Kajsa Hedström (Swedish Film Institute)  
Eric Leroy, Sophie Le Tétour (C.N.C.)

**Programa sujeito a alterações**

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 euros

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: Seg./Sábado, 13h30 às 21h30: tel. 213 596 262

Venda online em [cinemateca.bol.pt](http://cinemateca.bol.pt)

Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | [www.cinemateca.pt](http://www.cinemateca.pt)

**Biblioteca**

Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 - 19:30

**Espaço 39 Degraus****Livraria LINHA DE SOMBRA**

Segunda-feira/Sábado, 14:00 - 22:00 (213 540 021)

**Restaurante-Bar**

Segunda-feira/Sábado, 12:30 - 01:00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas.

